

Do Estilo de Vida Gay: Um não à Identidade Sexual em Michel Foucault

Keitiana de Souza Silva¹ (keite.souza83@gmail.com)

Francisco Victor Macedo Pereira² (victorfilos@yahoo.com.br)

Resumo: Em seus últimos escritos - *O uso dos prazeres* (1983) e *O cuidado de si* (1984) -, Michel Foucault (1926-1984) fala-nos acerca de estilos próprios de vida, como possibilidades práticas de elaboração de uma ética de si, como estética existencial. Essa abordagem da ética como estilização da existência dirige-se ao sujeito que tem, em meio às coerções discursivas da modernidade, não que afirmar uma identidade em busca de uma *verdade de si*, mas antes que buscar, através da abertura às multiplicidades de experiências de prazer, de amizade e de sensibilidade, o *governo de si*, na tentativa de fazer de sua própria vida uma obra de arte. Fazer-se esteta de si não significa, portanto, converter-se num arremedo ou numa caricaturização de morais paralelas ou concorrentes referenciadas pelos modos hegemônicos da atual civilização do consumo. Civilização esta que se assenta, por sua vez, nas bases da modernidade capitalista do conhecimento e do desenvolvimento científico-político. Em entrevistas conferidas pelo autor na última fase de seus escritos, designada por ele mesmo de *genealogia ética*, ele fala a respeito de um desses possíveis modos estilizados de existência, referindo-se ao estilo de vida gay. Ao comparar esse estilo de vida com uma forma de dandismo, Foucault não se endereça especificamente àqueles que se orientam sexualmente a parceiros do mesmo sexo. O estilo de vida gay é para todo aquele que está disposto a vivenciar múltiplas experiências de amizade e de prazer em relações homoafetivas, sexuais e/ou não – pouco importa. Ao vivenciar novos e próprios estilos de vida, alheios às coerções do poder que contingência e que controla os modos de ser e de pensar dos indivíduos sociais (exigindo-lhes posições e identidades claras), os sujeitos passam a buscar o conhecimento e o poder sobre si mesmos, recusando, inclusive, uma identidade sexual baseada nas exigências de formas de um biopoder.

Palavras-chave: amizade; estilo de vida gay; relações homoafetivas; prazer; poder.

Abstract: On his last writing – *The Use of Pleasures* (1983) and *The Self's Care* (1984), Michel Foucault (1926-1984) talks about own life styles, and how these may be practical possibilities of a self ethics elaboration, as an existing esthetic. This approaching of ethics as an existing stylization aims the subject, who is supposed - webbed on modernity discursive upbringing - not to affirm an identity, nor search a true of the self, but, otherwise, must look, through several experiences of pleasure, friendship and sensibility, for the self government, on the trial of making of its own life an art work. Make yourself a self esthete doesn't mean, however, to change you into a puppet of parallel morals referred to hegemonic modals of today's consuming civilization, which is based on knowledge capitalist modernity and scientific-political development. Trough interviews on the final lap of his career, designed by himself as ethical genealogy, Foucault talks about one of these possible ways of stylized existence, referring to a gay way of life. Comparing this gay life style to a dandism form, Foucault does not talk

¹ Mestranda em Filosofia pela UFPB e Professora Substituta da UEPB. Pesquisa: Estética da existência, resistência e reinvenção do sujeito em Michel Foucault.

² Doutorando em Filosofia pela UFPB e Professor efetivo da UEPB. Pesquisa Ontologia do Presente em Foucault e Pasolini.



specifically to same sex oriented ones. A gay life style concerns everyone who wonders to live a wide variety of friendship and pleasure experiences in homosexual relationships – sexual or not, no matter. By living new and own life styles, free of power upbringings which detain and control the ways of being and thinking of social individuals (asking them positions and certain identities), subjects go on searching the knowledge and power on themselves, including refusing a sexual identity based on formal exigencies of a bio power.

Key-words: Friendship, gay way of life, homo affective relationship, pleasure and power.

1 - Introdução

Os últimos escritos de Michel Foucault (1926 – 1984), sejam publicações de livros ou entrevistas e conferências, têm como novidade o acréscimo do sujeito ético às problematizações do presente. Sua conhecida dupla ontologia: *saber-poder* transforma-se numa tripla: *saber-poder-sujeito*. O autor busca teorizar sobre a constituição ética do sujeito e para isso recua no mundo antigo a fim de retomar a concepção de estética da existência³, como prática de produção dos próprios sentidos de vida, pela qual os gregos se elaboravam esteticamente, fazendo da sua vida uma obra de arte. Sua intenção não foi reconstruir a história ética e dos modos e práticas sexuais dos gregos antigos, posto que o autor haja reservado à antiguidade clássica e tardia suas duas últimas publicações – os volumes II e III d’A *história da sexualidade*, respectivamente: *o uso dos prazeres* e *o cuidado de si*. Sua pretensão foi a de partir do conceito de estilo de vida e reavivá-lo no presente. Isso não quer dizer aplicar na atualidade os estilos vividos pelos gregos, mas utilizar o princípio de estética existencial para teorizar sobre uma ética possível na contemporaneidade. “O primeiro conceito, tão caro ao último Foucault, é o da estética da existência, ou seja, a possibilidade de desenvolvimento de relações novas, diferentes, com os outros e consigo próprio” (MISKOLCI, 2008, p.227).

³Conforme Revel: “O tema de uma “Estética da Existência” aparece muito nitidamente em Foucault no momento da aparição dos dois últimos volumes da História da Sexualidade, em 1984. A estética da existência ligada à moral antiga marca em Foucault o retorno ao tema da invenção de si (fazer da vida uma obra de arte): uma problematização a que ele já havia chegado a filigrana num certo número de textos literários nos anos 60 (por exemplo, *Raymond Roussel*, mais igualmente nas análises consagradas a Brisset e a Wolfson), e que ele retoma vinte anos mais tarde por meio de uma dupla série de discurso. A primeira no interior da *História da Sexualidade*, está essencialmente ligada à problematização da ruptura que representa a pastoral cristã em relação à ética grega; a segunda passa, em contrapartida, pela análise da atitude da modernidade (por meio do retorno do texto kantiano sobre as Luzes) e faz da invenção de si uma das características dessa atitude a modernidade não é somente a relação com o presente, mas a relação consigo mesmo, na medida em que ser moderno não é aceitar a si mesmo tal como se é nos fluxos dos momentos que passam; é tomar a si mesmo como objeto de uma elaboração complexa e dura; o que Baudelaire chama de acordo com o vocabulário da época de dandismo” (REVEL, 2005, pp. 43-4).



Sobre a vida estilizada, Foucault a apresenta como forma de resistência vívida ante um poder latente nos próprios corpos dos indivíduos e na compreensão da subjetividade, ao mesmo tempo em que produtor dos valores e das regras sociais. Trata-se do estilo de vida que, portanto, implica em contestação e em confronto constantes. Sua intenção é tematizar uma ética de escolha, de deriva, que aderna na superfície das verdades, que se encontra no interstício dos conceitos cientificizantes, propositalmente alheia à marginalização ideológica de modos desprestigiados. Consiste, portanto, em pôr em prática estilos autênticos de vida, que podem ser vivenciados por indivíduos ou grupos que optem por viver experiências em que não tenham que sofrer imposições ou nas quais não estejam obrigados a acatar prescrições com a finalidade de atualizar este ou aquele projeto existencial. Construir estilos próprios de vida implica em derrocar qualquer prática intersubjetiva de existência que privilegia realizações de poder e que pretenda que os sujeitos dela façam parte. Tal ética é, portanto, totalmente contrária à imposição de modelos homogeneizantes.

Esta recusa em obedecer a normas e a códigos impostos ergue-se em função de um poder sobre si, a partir de práticas de si. Esta postura diante da existência faz surgir para Foucault uma proposta filosófica política. Com efeito, encontramos na *História da Sexualidade* uma intrínseca ligação entre sexo, ética e política. Esse programa político contido na ética foucaultiana busca restabelecer o caráter livre da filosofia antiga, pois essa era de essencial importância para o projeto ético-político grego. “Foucault elabora um novo conceito de política (...) trata-se de uma política espiritual, uma política como ética, rebelando-se contra formas estabelecidas de subjetividade e aspirando a criação de outras novas” (ORTEGA, 1999, p.35).

Nessa aspiração de estilizar a vida, Foucault cita práticas de si sobre si mesmo em um cotidiano livremente possível. Afirma que ele mesmo, como sujeito, poderia aproximar-se de duas estéticas existenciais: o dandismo e o modo de vida gay. Sobre o dandismo, o autor faz citações a seu respeito no texto de 1984, denominado *O que são as luzes?*, no qual ele analisa um texto de Kant, publicado em 1784, e que serve de resposta à pergunta proposta por um periódico alemão *Berlinische Monatsschrift*. A pergunta era: *Was ist Aufklärung?*, que poderíamos traduzir por *O que é esclarecimento?*. Ele acrescenta que os dandistas exercitam uma arte de viver de forma crítica, exemplificada em Baudelaire, cuja noção sobre dandismo⁴ era a de uma atitude crítica em relação ao próprio tempo, em que o artista moderno (de

⁴ “O dandismo não é sequer, como parecem acreditar muitas pessoas pouco sensatas, um amor desmesurado pela indumentária e pela elegância física. Para o efeito dândi essas coisas são apenas símbolos da superioridade aristocrática de seu espírito” (BAUDELAIRE, 2007, p.52).

Baudelaire) deve incitar o indivíduo a se reinventar, a ter atitude frente o seu presente, isso de forma totalmente autônoma. “O homem moderno, para Baudelaire, não é aquele que parte para descobrir a si mesmo, seus segredos e sua verdade escondida; é aquele que busca inventar-se a si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p.344). Tal exemplo leva o teórico a problematizar o diagnóstico do presente feito a partir de exames sobre si e sobre sua atualidade. O dandismo leva o sujeito moderno a se constituir no exercício ético da liberdade, ser inventor de sua própria história, heroificar sua própria existência, conferindo-lhe aspectos de uma vida como obra de arte. “Essa modernidade não liberta o homem em seu ser próprio; ela lhe impõe a tarefa de elaborar a si mesmo” (FOUCAULT, 2006, p. 344).

Em 1981, Foucault enfatiza a necessidade de respeitar e reativar estilos de vida e de liberdade atualizados em escolhas cotidianas. É nessa ocasião, então, que ele fala sobre a possibilidade de um estilo de vida gay⁵, salientando que tal estilo é necessário a um modo de vida próprio do homoerotismo, que vivencia uma resistência a modelos de vida, de amizade e de conduta sexual prioritários.

A reflexão de Foucault o levou a propor uma estética da existência no presente, uma forma de resistência à normalização. O caráter transgressor de sua proposta deve-se ao seu caráter minoritário inspirado em sua experiência de um modo de vida gay na América do Norte. Segundo o filósofo, uma nova existência só poderia ser alcançada mediante uma alternativa a formas de relacionamento socialmente prescritas e institucionalizadas (MISKOLCI, 2006, p. 169).

Ao citar esses modos de vida que a sociedade considera subversivos, Foucault tenta mostrar que seria possível negar as imposições morais que a religião e a sociedade validaram e colocaram no âmbito de verdades e modos de vida válidos a ser seguidos. Essa noção de um modo de vida preponderante descaracteriza o que o filósofo francês denomina por ética. Quando se tira a liberdade de escolher, o modo de vida individual de cada sujeito, esse deixa de vivenciar uma ética, em troca de reproduzir morais preestabelecidas, e é justamente contrário a isso que o teórico propõe estilos de vida autônomos, como acontecia no mundo grego. Essa vida estilizada seria uma forma de atualizar a estética existencial, vivenciada

⁵ Foucault utiliza o termo gay, pois para ele o termo homossexual tem implícita uma conotação de negatividade, visto que ser heterossexual seria a positividade. Dessa forma, a palavra gay seria algo catalisador da negatividade da palavra homossexualidade. *‘Isso é importante, porque, ao escapar da categorização ‘homossexualidade – heterossexualidade’, os gays deram um passo importante e interessante. Eles definiram de modo diverso seus problemas, tentando criar uma cultura que só tem sentido a partir de uma experiência sexual e de um tipo de relações que lhes seja próprio. Creio que uma abordagem interessante seria fazer com que o prazer da relação escape do campo normativo da sexualidade e de suas categorias, e por isso mesmo fazer do prazer o ponto de cristalização de uma nova cultura’*(FOUCAULT, 2006, p. 122-123).

principalmente na antiguidade tardia, segundo a qual cuidar de si mesmo tornou-se cultura de si promovida nas escolas filosóficas da antiguidade tardia: cinismo, epicurismo e estoicismo, que vivenciaram a filosofia como estilo de vida.

Foucault insiste que é necessário inventar um estilo próprio e não fazer derivar desse uma moral paralela. Não se pode seguir uma cartilha, não é interessante tomar um modelo como única forma de vida e fazer dele um exemplo. Essa estilização nega, portanto, qualquer busca a uma identidade sexual, seja ela heterossexual, versátil ou mesmo assumidamente homossexual. Não é necessário que haja um reconhecimento, mas a elaboração de uma liberdade da reinvenção e da constante atualização de si mesmo.

2 - Modo de vida gay

É necessário que tenhamos atenção com relação ao fato de que, ao tratar do modo de vida gay, Foucault não está propondo um engajamento, uma luta em prol dos direitos homossexuais. Seu intento não foi o de guerrear para que os *gays* tenham, por exemplo, o reconhecimento de uma união estável judicial, ou a concessão para que adotem filhos, ou mesmo para que se sentissem assegurados e tivessem efetivamente o direito de se descobrirem como tais. Apesar da sua relação homoafetiva com Daniel Defert ter sido algo público e, conseqüentemente, também sua preferência sexual, o autor não acreditava que alguém se descobrisse simplesmente *gay*, como um segredo que estivesse lá - em si - guardado. Para ele, o indivíduo se constrói como tal, se afirma como *gay*, e, nesse sentido, não seria um *erro* falar em opção por ser *gay*. Para ele, ser *gay* é, sim, optar, é fazer escolhas, é assumir e construir modos próprios de vida a partir de indefinidas relações homoafetivas. Portanto, a preferência sexual por rapazes não seria, para ele, a condição ínsita de uma homossexualidade a ser forçosamente assumida, controlada, tratada, acolhida ou compreendida. Por isso fazer-se *gay* significa inventar-se como *gay*. “Nós não devemos descobrir que somos homossexuais. (...) nós devemos, antes, criar um modo de vida *gay*. Um tornar-se *gay*” (FOUCAULT, 1984) ⁶.

Desse modo, segundo Foucault, os *gays* precisam muito mais de uma arte de viver, a partir da vivência de sua sexualidade e de seus prazeres, do que propriamente de uma política de direitos formulada por uma ciência sexual ou por um estado tutor, como acontece na sociedade ocidental através dos exercícios de biopoder. O autor, no primeiro volume d'A

⁶TEXTOS DE FOUCAULT EM PORTUGUÊS. "Sexo, poder e a política da identidade." Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>. Consultado em: 27/09/2009.

história da sexualidade: a vontade de saber, já demonstrava que vivenciamos uma ciência do sexo, que polícia, apresenta sua verdade e fixa identidades sobre o mesmo. “Polícia do sexo: isto é, necessidade de regular o sexo por meio de discursos úteis e públicos e não pelo rigor de uma proibição” (FOUCAULT, 2007, p. 31).

De acordo com o professor do *Collège de France*, é necessário, assim, buscar fazer da própria sexualidade e da prática sexual uma construção ética e estética constante, livre e indefinida; o que, na prática, significa almejar viver seu próprio estilo elaborado por nenhum fator alheio a si, nenhum poder ingerente, nenhum saber exercido por forças exteriores a si mesmo.

O que eu gostaria de dizer é que, em minha opinião, o movimento homossexual tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta. Ela faz parte da liberdade em nosso usufruto deste mundo. A sexualidade é algo que nós mesmos criamos - ela é nossa própria criação, ou melhor, ela não é a descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo. Nós devemos compreender que, com nossos desejos, através deles, se instauram novas formas de relações, novas formas de amor e novas formas de criação. O sexo não é uma fatalidade; ele é uma possibilidade de aceder a uma vida criativa (FOUCAULT, 1984)⁷.

A luta travada pelos gays, segundo Foucault, não seria apenas para se defender do preconceito, do racismo de direitos. A maior luta seria agonística, em prol da liberdade de expressar sua vida de forma prazerosa, intensa e artística. É lutar não apenas contra a relação de poder inerente à sociedade, em nome de uma proverbial dignidade, mas lutar contra si mesmo, contra a mediocridade de se colocar parcialmente de um lado, se identificando como um segmento, ante as exigências exteriores, por exemplo, de uma identidade necessária.

Ora, as ciências modernas querem que saibamos quem somos. Temos que contestar a isso dizendo que somos o que quisermos e pudermos ser e que isso não está definido em nenhum código, seja ele moral ou genético.

Eu acredito que um dos fatores de estabilização será a criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa (FOUCAULT, 1984)⁸.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

O estilo de vida gay seria uma negação a estereótipos, não consiste em levar alguém a uma comunidade e impor a ela uma moral paralela, de gueto, de modos estereotipados e marginalizados. Não é fixar uma identificação para reconhecer o homossexual enquanto sujeito a ter a promoção de sua cidadania a par com a do heterossexual, muito menos significa buscar entre os indivíduos os traços do afeminado, do machão, da Barbie, entre outras e garantir espaços para todos e todas. Trata-se, sim, é de escolher como cada um deseja ser apreciado, de atualizar e de exercer sua criatividade e inventividade diante da vida, de praticar esteticamente a agonia individual diante dos simulacros da existência. O sentido é, pois, o de colocar a vida no âmbito da obra de arte, como algo a ser indefinidamente criado, construído, admirado, heroificado e lembrado. Não estamos falando, pois, de uma dignidade vazia, com lugar garantido e resiliente nos discursos do poder.

O autor coloca como meio para construção desse estilo de vida a amizade, que foi banida preconceituosamente da nossa sociedade dos micropoderes, visto que está associada à negatividade homossexual, ameaçadora da ordem da produção social. “Estou seguro de ter razão: a desapareção da amizade enquanto relação social e o fato da homossexualidade ser declarada como problema social, político e médico fazem parte do mesmo processo” (FOUCAULT, 1984). Outra forma de constituir-se esteticamente em um estilo de vivência sexual próprio seria a abertura à multiplicidade de experiências de prazeres, que levam autenticamente à compreensão de si, como Foucault teoriza em seu recuo ao mundo grego. Em meio a essa multiplicidade, ele salienta e enaltece o sadomasoquismo, como prática de compreensão limite da dor e do prazer.

O gueto S/M de São Francisco é um bom exemplo de uma comunidade que fez a experiência do prazer e que constituiu uma identidade em torno deste prazer. Esta guetização, esta identificação, este processo de exclusão produz efeitos de retorno. Eu não ousaria usar a palavra "dialética", mas não está muito longe disso (FOUCAULT, 1984)⁹.

Vejamos: o *biopoder*, a que Foucault se refere no volume I d'A *história da sexualidade*, marginaliza o homossexual a partir de uma identificação negativa. No entanto, para o autor, essa marginalização pode ter um efeito positivo, quando o marginalizado elabora sua própria construção diante do furto das concessões que a ordem social lhe inflige.

⁹ Ibid.

Buscar o prazer a partir de si mesmo, procurar o conhecimento dos próprios sentidos e da própria sensualidade para a criação de si: isso resumiria a estilização proposta por Foucault como atualização da arte de viver fundamentada na preocupação consigo, não de forma apolítica, mas voltada para a construção de uma vida autônoma.

Deixemos claro, no entanto, que ele critica a luta ou a causa homossexual, na medida em que essa apenas busca postular um modelo ideal para uma suposta classe ou natureza gay. Um modelo, portanto, concorrente ao padrão normativo da heterossexualidade, a fim de que uns sujeitos, em face de outros, possam ser considerados e identificados como gays, legitimados a assumir os lugares e os modos de gay que lhe são reservados (e que passam a lhe ser garantidos) na sociedade. De fato, quando se dita uma forma-modelo de direcionar a vida dentro de procedimentos de normalização, perde-se a autonomia de um estilo de vida autêntico e concebido como estética da própria existência. “A estética da existência consistiria na elaboração de uma relação não-normativa consigo mesmo como decisão ético-estética” (MISKOLCI, 2006, p. 170).

Apresentar uma resposta, um caminho, uma solução como algo certo e incontestável é a negação da ética constituída na liberdade e na autonomia. Sendo assim, o que Foucault postula é a negação de modelos, ainda que fosse o do antigo modo de ser dos gregos. Sua intenção é a de incentivar a pluralidade, abrindo espaço para a elaboração de novos estilos, que permitam ao indivíduo sua autonomia e a recriação de si a partir de práticas individuais - as quais, por sua vez, caracterizem modos próprios de existência, sem que se tenha de submeter a valores e a modos preponderantes exteriores.

A alternativa a que Foucault se refere, com relação ao estilo de vida gay, deve, por seu turno, ser caracterizada como um movimento criativo, fundamentado na amizade. Consiste em apresentar os gays e suas comunidades - se é que isso exista - independentemente dos seus estereótipos, não enfatizando suas relações no sexo, tampouco na condição discriminatória e injusta, mas sim na amizade, nas experiências com o corpo e nas sensações daí vivenciadas, bem como nas expressões estéticas de temática homoerótica e homoafetiva. Esses são elementos essenciais para essa vida de estilo. “Dessa forma, a experiência da amizade, para Foucault, constitui uma possibilidade de transfiguração para os implicados, os amigos. Ela constitui uma ascese, um trabalho de si, um cuidado de si que não exclui o outro; ela também deve ter esse mesmo cuidado consigo” (FERNANDES, 2008, p 388).

Percebemos que no último Foucault houve uma preocupação em redirecionar seus escritos em torno da estética da existência, incluída como possibilidade prática de tal estética a vivência da homoafetividade e da amizade sensual entre sexualmente iguais. “Seu propósito

foi atualizar a ascética da amizade no contexto da ética e estética da existência, demonstrando que novas formas de vida em comum podem ser criadas e capazes de coexistir com outras formas sancionadas pela nossa sociedade” (FERNANDES, 2008, p 391). Essa ligação desempenha um papel central na teorização de seus últimos escritos e em sua tardia preocupação com o problema ético, pois essa temática é o retrato do fim de sua vida, que suscitou a reativação da estética da existência em seu próprio viver, a partir desse modo de vida estilizada e vivenciado em meio a comunidades gays.

Isso no que devemos trabalhar, me parece, não é tanto liberar nossos desejos, mas tornar a nós mesmos infinitamente mais suscetíveis a prazeres. É preciso, insisto, é preciso escapar das duas fórmulas completamente feitas sobre o puro encontro sexual e sobre a fusão amorosa das identidades. (...). Um modo de vida pode ser partilhado por indivíduos de idade, estatuto e atividade sociais diferentes. Pode dar lugar a relações intensas que não se pareçam com nenhuma daquelas que são institucionalizadas e me parece que um modo de vida pode dar lugar a uma cultura e a uma ética. Acredito que ser gay não seja se identificar aos traços psicológicos e às máscaras visíveis do homossexual, mas buscar definir e desenvolver um modo de vida. (FOUCAULT, 1981)¹⁰.

Para não sermos assumptivos, o estilo de vida gay jamais deve ser postulado como modelo. Ao contrário, sua busca é a de experimentar sobre a praticabilidade de diversos modos de vida, de amizade, de prazer e de sensações, levando o sujeito a suas escolhas, a partir das próprias experiências, e à busca de construções próprias de/para si mesmo. Segundo o autor, para viver uma vida ética é necessário optar por um modo de vida que faça o indivíduo se auto-elaborar a partir de suas próprias experiências, que possa viver uma vida como se essa fosse uma obra de arte.

3 – Identidade e diferença

Ao tratar da biopolítica, Foucault coloca um problema sério na sociedade do biopoder. Esse problema seria o da busca de uma eugenia liberal, que separa todos os que apresentam alguma ameaça à pureza da sociedade, a qual não pode prescindir de práticas de poder em prol da vida. Quando essa idealizada sociedade é ameaçada, ela pune e exclui. Entre essas ameaças,

¹⁰TEXTOS DE FOUCAULT EM PORTUGUÊS. "Da amizade como modo de vida." Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amicie.html>. Consultado em: 27/ 09 / 2009.

estão os perversos sexuais, que não possuem uma sexualidade padrão. Não se enquadram nas normalidades, não fazem parte do sexo rei¹¹. Entre estes, seguramente, estão os homossexuais. Estes são rotulados a partir de uma identidade negativa e ameaçam aqueles que possuem a identidade padrão, positiva. O diferente é o anormal. Foucault rejeita inteiramente essa concepção de segregação a partir da suposta disposição sexual dos sujeitos, pois que crer nisso significaria o impedimento da construção de si mesmo e da busca de experiências múltiplas no processo de estilização da vida - que está fundamentado na individualidade e na diferença. “É a identidade que nos limita e, penso eu, temos (e podemos ter) o direito de ser livres” (FOUCAULT, 1984). Foucault vê nessa sociedade o heterossexual como o padrão de identidade positiva sexual, o qual a própria ciência sexual tem como modelo biológico ideal. Aquele que acreditar em algo diferente é anormal. Foucault preocupa-se com essa imposição das identidades, que se colocam como aquelas que desvendam o indivíduo, e que lhe fornecem as chaves da verdade e do conhecimento de si. Recusa, pois, todos os simulacros identitários que o apresentam e o classificam e que, conseqüentemente, o excluem na biopolítica do poder. Ademais, Foucault alerta que esse problema pode se repetir no próprio contexto gay, quando implicitamente tenta-se estabelecer um modelo ou uma identidade homossexual concorrentes ao padrão. O autor acredita na multiplicidade e no processo indefinido de metamorfose do indivíduo que, ao elaborar suas escolhas, faz de suas experiências uma vida estilizada. Não se pode exigir uma identidade única e definidora de ninguém, visto que a estilização da vida é um processo contínuo de fazer artístico.

Veja bem, se a identidade é apenas um jogo, apenas um procedimento para favorecer relações, as relações sociais e as relações de prazer sexual que criem novas amizades, então ela é útil. Mas se a identidade se torna o problema mais importante da existência sexual, se as pessoas pensam que elas devem "desvendar" sua "identidade própria" e que esta identidade deva tornar-se a lei, o princípio, o código de sua existência, se a questão que se coloca continuamente é: "Isso está de acordo com minha identidade?", então eu penso que fizeram um retorno a uma forma de ética muito próxima à da heterossexualidade tradicional. Se devemos nos posicionar em relação à questão da identidade, temos que partir do fato de que somos seres únicos. Mas as relações que devemos estabelecer conosco mesmos não são relações de identidade, elas devem ser antes relações de diferenciação, de criação, de inovação. É muito chato ser sempre o mesmo. Nós não devemos excluir a identidade se é pelo viés desta identidade que as pessoas encontram

¹¹ Não ao sexo rei. In: *Microfísica do Poder*; Organização e tradução Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

seu prazer, mas não devemos considerar essa identidade como uma regra ética universal (FOUCAULT, 1984).

Foucault coloca a identidade sexual como algo negativo na construção ética do sujeito. O autor vê na ética o predicado de escolha e de construção. A possibilidade de uma ética em Foucault é a estética-existência. Essa tem relação com a experiência dos prazeres, do desenvolvimento dos sentidos e das sensibilidades, logo necessita da sexualidade. Se a sociedade exige que o indivíduo se apresente com uma identidade sexual definida, ele perde, então, a possibilidade de reinvenção. Ademais, a identidade sexual impossibilita a vivência de estilos de vida.

A ética existencial é, portanto, pautada na diferença. Quem exige essa identidade é a nossa sociedade excludente e o poder voltado para a vida jurídica e biológica, que apregoa a necessidade de dizer quem somos na busca de uma verdade sobre o sexo; verdade essa que é produzida por uma ciência sexual, que nos convida a contarmos os nossos segredos sexuais, a fim de que sejamos classificados conforme uma identidade, supostamente determinada por uma natureza intrínseca.

4 – Considerações Finais

Judith Butler (1999), filósofa americana, elabora uma teoria performativa sobre gênero e sexualidade nas perspectivas pós-estruturalistas, argumentando a favor do sujeito fragmentado, questionando a identidade unificada e recusando a fixação de identidades no indivíduo. “As identidades sexuais e de gênero dos sujeitos estão inevitavelmente relacionadas: a identidade sexual dos sujeitos se constitui de acordo com o modo como vivem sua sexualidade, seus prazeres e seus desejos” (SILVA, 2004, p.97). Segundo ela, essa construção identitária é produzida e normatizada de forma excludente, colocando no campo da anormalidade identidades que se constituem de formas diferentes. Influenciada por Foucault, a filósofa americana acredita que a identidade deve ser construída a partir da pluralidade, mas quando essa está ligada a modelos, como algo definitivo, nega a verdadeira função da identidade que é ampliar as diferenças, e não exterminá-las.

Os estilos de vida propostos por Foucault são baseados na ampliação das diferenças e na abertura às mesmas, inclusive pelo próprio indivíduo que se constrói, sem necessitar de enquadrar-se em modelos propostos. Visa-se a promoção da construção de uma identidade particular, na qual a diferença é a marca do estilo individual.



Dessa forma, Foucault coloca a estética da existência como uma construção ética que é elaborada a partir de desejos e de prazeres múltiplos. Trata-se da possibilidade de compor-se eticamente também através da própria sexualidade, sem a necessidade de se estar preso a uma identidade. Não é necessário dizer quem é quem: heterossexual, homossexual, bissexual, transexual, bichona ou fanchona eventual. Viver o estilo de vida gay é tornar-se gay, no sentido de fazer-se gay, é ampliar as experiências da sexualidade sem precisar prestar contas a uma ciência sexual - que tomou o lugar da confissão cristã e que agora nos convida, desde os divãs da modernidade, a descobrirmos nossos segredos íntimos para construção de uma identidade limitada, mas segura do ponto de vista da subjetividade. Assim, viver um estilo de vida, para Foucault, significa construir-se a cada dia, é viver em estado de constante metamorfose. O homem que responde: “Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo”, já apregoava desde *As palavras e as coisas*, que a identidade do sujeito desaparecia como o rosto de areia na orla do mar. Não encontramos palavras mais pertinentes, que as palavras de Riobaldo, o narrador-personagem de *Grandes Sertões: Veredas*, de Guimarães Rosa, para concluirmos esse artigo: “O senhor... Mire e veja: o mais importante e bonito, do mundo, é que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando. Afinam ou desafinam” (GUIMARÃES ROSA, Apud KHALIL, 2004, p. 229).

5- Referências bibliográficas

FOUCAULT, Michel. *Historia da sexualidade 1 – A vontade de saber*. 16 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Historia da sexualidade 2 – O uso dos prazeres*. 10 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Historia da sexualidade 3 – O cuidado de si*. 7 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2007.

_____. *Arqueologia das ciências e historia do sistema de pensamento/ Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Elisa Monteiro – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.*

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France (1970-1982); tradução: Andréa Daher; consultoria: Roberto Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.*

_____. *Microfísica do Poder; Organização e tradução Roberto Machado. – Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.*

_____ Arqueologia das ciências e história do sistema de pensamento/ Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Elisa Monteiro – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____ Ética, Sexualidade, Política/ Michel Foucault: organização e seleção de texto, Manoel Barros da Mota; Tradução. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa – 2. Ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KHALIL, Maria Martins Gama. Teorias e alegorias da interpretação: no theatrum de Michel Foucault. In: Michel Foucault e os domínios da linguagem. São Carlos: Claraluz, 2004.

ORTEGA, Francisco. A amizade e a estética da existência em Foucault. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda. 1999.

MUCHAIL, Salma Tannus. Foucault, simplesmente – textos reunidos. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MUNIZ, Durval. Cartografias de Foucault/ organizado por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, Alfredo Veiga - Neto, Alípio de Souza Filho. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção estudos foucaultianos).

RAGO, Margareth. Figuras de Foucault / organizado por Margareth Rago e Alfredo Veiga-Neto. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. (Coleção estudos foucaultianos)

REVEL Judith. Michel Foucault: Conceitos essenciais; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez e Carlos Piovesani. São Paulo: Claraluz, 2005.

SILVA, Rosimeri Aquino. O ponto fora da curva. In. Corpo, Gênero e sexualidade. Porto Alegre: Editora Meditação, 2004.

TEXTOS DE FOUCAULT EM PORTUGUÊS. "Da amizade como modo de vida." Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/amitie.html>.

Consultado em: 27/ 09 / 2009.

TEXTOS DE FOUCAULT EM PORTUGUÊS. "Sexo, poder e a política da identidade." Disponível: <http://www.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/sexpodident.html>.

Consultado em: 27/ 09 / 2009.